

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Lucinda Rosário Oliveira

registada em 2009-02-03
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Lucinda Rosário Oliveira

Lucinda nasceu na Benfeita em 1925. A mãe, Palmira do Rosário, morreu quando tinha apenas 1 anos e meio. O pai, Alfredo Nunes Santos Oliveira, era carpinteiro e gerente de um lagar de azeite. Foi criada pelos avós, esteve lá “até aos 15 anos, até eles falecerem”. Foi em casa de uma tia que começou a namorar com o marido. “Ele era sobrinho dela e eu era sobrinha também. Eu ia muito para lá e ele também. Começámos assim a namorar.” Casou com 18 anos e o marido 27, com um vestido de crepe da china. Depois de casada, a sua vida foi “fazer a vida de casa e por fora também”. Teve três filhos. Quando o marido foi para África o filho mais novo tinha 12 dias. Só mais tarde também emigrou. “O mais novo tinha 2 anos e meio quando eu fui para África. Antigamente queriam melhorar a vida.” Depois de 25 anos regressa à Benfeita onde permanece “Eu gosto de cá. É a minha terra.”

Índice

Identificação Lucinda Rosário Oliveira.....	4
Ascendência Alfredo Nunes Santos Oliveira e Palmira do Rosário.....	4
Casa "Era uma casa boa".....	6
Infância "Fugia para brincar".....	7
Educação "Andei só até à terceira classe".....	7
Religião "Tudo bem arranjadinho no dia da Comunhão".....	8
Namoro "A gente era envergonhada".....	8
Casamento Um casamento bonito.....	8
Migração "Queriam melhorar a vida".....	10
Lugar Objectos e gestos de outrora.....	15
Costumes A Benfeita em festa.....	17
Quotidiano "Gosto de estar aqui no sossego".....	21
Avaliação "Para seguir tudo melhor".....	23

Identificação *Lucinda Rosário Oliveira*



Lucinda Oliveira

Chamo-me Lucinda. Nasci em 1925, aqui na Benfeita.

Ascendência Alfredo Nunes Santos Oliveira e Palmira do Rosário

O meu pai era Alfredo Nunes Santos Oliveira e a minha mãe era Palmira do Rosário. A minha mãe, não conheci. Tinha eu ano e meio quando ela faleceu. Já há 80 e tal anos que a minha mãe morreu. Estava grávida. Dizem que antigamente havia a pulmónica - que lhe metiam este nome - e fiquei sem mãe. Sei que, coitadinha, trabalhava no campo e em casa, mas não me lembro de nada dela. Nadinha.



Alfredo Nunes dos Santos Oliveira, pai de Lucinda de Oliveira

Antigamente o meu pai era carpinteiro. Tinha carpintaria. Também era gerente do lagar no azeite. Ele é que tomava conta. Trabalhava muito e esteve muitos anos na Junta. Era o presidente. Quando havia qualquer coisa de zangas aqui na freguesia ou assim, iam ter com o meu pai e ele, se pudesse, apaziguava e lá acomodava as pessoas. Se não pudesse, iam para Arganil. Estava sempre pronto para qualquer coisa. Depois, puseram o nome dele aqui numa rua. Eu até estava em África. Na altura, fizeram-lhe uma festa, uma inauguração. A placa até está na minha casa. E tem outra em cima, no cimo da rua. Mas ele, coitadito, faleceu logo daí a uns dias.

"Fui criada com os meus avós"

Eu não fui criada com o meu pai. Fui com os meus avós. Quando a minha mãe faleceu, o meu pai ficou com quatro filhos. Depois, o meu avô mandou-me logo buscar a casa do meu pai. Fui criada com os meus avós. Estive lá até aos 15 anos, até eles falecerem. Primeiro, faleceu a minha avó. Depois, mais tarde, foi ele. Mas o meu pai morava mesmo a seguir, na rua onde moro.

O meu avô era António Nunes Santos Oliveira e a minha avó era Maria da Natividade Oliveira. Trabalhavam no campo com certeza. Mas acho que o meu avô também era carpinteiro. Não sei. Era pequenita, já não me lembra bem. Lá

em casa, a minha avó entrevou-se muito cedo e da cabeça não estava muito bem. O meu avô já não trabalhava nessa altura que eu lá estava.

"Tivéramos carinhos e fôramos bem criados"

Eu era a filha mais nova. Os meus irmãos ficaram a viver com o meu pai. Depois o mais velho foi para Alcobaça, para uns tios meus. A minha irmã ficou com uma tia que morava aqui e também era da parte da minha mãe. E o mais novo, a seguir a mim, ficou com o meu pai. Como ele trabalhava de carpinteiro, às vezes, o meu irmão ficava de dia com uma tia minha que morava adiante. Depois o meu pai casou. Tinha quatro filhos da minha mãe e teve uma filha do segundo casamento. A minha irmã já faleceu também. Não chegou aos 70 anos, me parece. Fôramos criados assim, mas bem graças a Deus. Tivéramos carinhos e fôramos bem criados. Demo-nos sempre muito bem, muito bem.

Casa "Era uma casa boa"

A casa onde eu vivia com os meus avós é grande, é dentro de um quintal, quando se vem da igreja para cima. A minha prima, uma neta do meu avô, é hoje a dona da casa. Era exactamente como é hoje. Só teve uns arranjos. Fizeram mais tarde uma garagem e o terraço por cima. Demais, a casa está como era. Era uma casa boa. Estava caiada, mas eu julgo que aquilo era pedra e por dentro era soalho. Por baixo, o rés-do-chão tinha umas duas salas, dois quartos, uma cozinha grande e a varanda. Depois, tinha em cima quatro quartos, uma salinha e uma varanda grande, também. E fora o sótão.

Não havia casas de banho, antigamente. A minha casita tinha uma em madeira no quintal. Mas havia muita casa que não tinha. Dentro de casa, era muito raro. Havia algumas, mas pouco. Tomavam banho num alguidar, uns alguidares grandes. Tinha-se de aquecer a água e pôr no alguidar. Era assim.

Havia também loja, adega do vinho e tudo. Eu era pequena, mas ainda me lembra que tinham lá uma cabra e umas galinhas. Agora, a loja é diferente, porque foi arranjada. A minha prima tem um tanque do vinho e dantes não. Eram umas dornas em madeira e pipos.

Vivia com os meus avós, mas tinha sempre mulheres lá a trabalhar. Tinham a criada, uma mulher-a-dias. Eles, coitadinhos, já eram velhinhos, também. Como a minha avó estava mal, as minhas tias, filhas do meu avô, todos os dias ali iam. Convivia muito a família. Fazíamos os serões e costurávamos rendas e bordados. Agora já me custa muito por causa das mãos, que adormecem, mas fiz muito ainda. À noite e até de dia.

Infância "*Fugia para brincar*"

Quando estive em casa da minha avó, ajudava a tratar dela, a lavá-la, a vesti-la e tudo. Estava mesmo inutilizada e também não estava bem da cabecinha. Depois os meus avós faleceram. Ela faleceu primeiro e o meu avô ainda ficou. Mas eu, quando a minha avó faleceu, vim para casa do meu pai. Ainda não tinha 15 anos. Depois puseram o meu avô às semanas e na semana do meu pai ia eu cuidar do meu avô. Como fui lá criada, ia eu fazer a semana dele.

Trabalhava em casa e no campo. Era sachar milho, semear batatas, ceifar erva para os animais. Tinham cabras, galinhas, porcos, isso tudo. Era uma casa de muita lida. Havia criadas em casa do meu pai e aquelas é que, às vezes, iam com as cabras. Também cheguei a ir com a criada e com as mulheres que, às vezes, andavam lá ao dia ao mato, à erva e tudo. E gostava, porque andava lá fora. Usávamos uma foice que é uma coisinha que tem assim uns dentitos para cortar a erva. É como a roçadeira do mato. É comparado. Mas a foice tem um cabo de pau e a roçadeira não. Às vezes, havia lá pessoas que se cortavam um bocadinho a ceifar erva e assim. Mas fazia-se bem.

Às vezes, diziam para eu estar ao pé da minha avó, mas eu lembra-me que fugia para ao pé das outras, para brincar. Para brincar ou para a paródia. Fazia-se bailes e jogos de roda. Andava-se à roda com todas a darem a mão. Depois fazíamos umas bonecas de trapos com uma agulha a fazer os jeitos de tudo. As pernas era de paus de moitas do mato. Forrávamos aquilo com uns trapitos e era assim que a gente antigamente fazia umas bonecas. Mas, às vezes, davam-me brinquedos. As minhas tias que não estavam cá, quando vinham para casa do meu avô de Verão, traziam-me umas coisinhas boas.

Educação "*Andei só até à terceira classe*"

Antigamente, quando eu era miúda, havia a escola dos rapazes e a escola das raparigas. A escola dos rapazes era onde é agora a Junta. Só me lembra assim um salão grande e as carteiras lá dentro. E a escola das raparigas era em baixo, perto da igreja. Por a rua do café abaixo, é uma casa que tem assim uma ladeirinha. Ali é que era a escola das raparigas. Agora não, é duma prima minha. Às vezes, vínhamos para a escola dos rapazes também. Fazia-se festas juntas. Eram as récitas e alguns, rapazes e raparigas, iam falar e cantar. Era bonito antigamente. Nessa altura, havia muitas crianças porque vinham da freguesia também. Vinham das Luadas, do Pai das Donas, destas terras aqui vizinhas.

A minha primeira professora era a dona Alice e tive outra que era de Arazede. Ela depois até veio ao meu casamento, mas já não me lembra o nome dela. Ensinavam muito bem as minhas professoras, tanto uma como a outra. Ensinavam à antiga e, às vezes, castigavam um bocadinho. Mas não era muito. Eram boas professoras.

Agora é que eu não me lembra se era às nove, se era às oito que começava a escola. Mas era cedo. Devia ser às oito horas com certeza. Tínhamos cadernos e aquela pedra que chamam lousa. Era naquelas lousas que a gente fazia as contas. Depois ensinavam História, Geografia, mas não me lembra já. Eu também andei só até à terceira classe. Saí por causa da minha avó. Era para estar ao pé dela, porque ela estava cada vez pior. Alguns iam fazer a quarta a Arganil. Mas eu nunca fiz. Tinha aquela prisão também.

Religião "*Tudo bem arranjadinho no dia da Comunhão*"

À doutrina ia, mas era com uma velhota que havia cá antigamente. Parece que se chamava Maria Araújo e morava ali para cima da povoação. Íamos a casa dela e, às vezes, sentadas à lareira é que ela ensinava a doutrina à gente. Coitadinha. Mais tarde havia outra, mesmo ao pé da igreja, que ensinava também. Às vezes íamos lá acima, outras vezes era ali.

Lembra-me muito bem do dia da Comunhão. Ainda me lembra do vestido e tudo. Eu ia vestida de branco com uns risquinhos de seda e outras levavam vestidos assim creme. Mas íamos sempre muito bonitas. Depois íamos assim aos pares de raparigas em procissão na igreja. Uma prima minha é que era o meu par. Ia tudo sempre bem arranjadinho no dia da Comunhão. Era uma alegria.

Namoro "*A gente era envergonhada*"

Foi em casa de uma tia minha que comecei a namorar com o meu marido. Ele era sobrinho dela e eu era sobrinha também. O meu sogro era irmão da minha tia e o meu tio era irmão do meu pai. Foi aqui em baixo, numa casa. Eu ia muito para lá e ele também. Começámos assim a namorar.

Foi ele, o meu marido, que me pediu em namoro. Não fui eu. A gente era envergonhada. Antigamente namorávamos aos bocados. Era onde se encontravam, nos bailes ou assim. Depois o meu marido começou a vir lá a casa e estar um bocado também. Mas pediu autorização ao meu pai. Eu não ouvi, mas sei que ele falou com ele.

Casamento *Um casamento bonito*



César Simões, marido de Lucinda Oliveira

Namoráramos e depois lá se combinou o casamento. Eu casei com 18. O meu marido tinha 27. Casei numa capelinha que aqui há em cima, porque andava a igreja em obras nessa altura. O meu vestido foi feito cá, numa costureira. Antigamente chamavam aquilo de crepe da china. Era uma seda que havia branca e o vestido foi disso. Era todo branco e comprido, por os pés. Também levei uma grinalda que tinha véu. Os sapatos foi um sapateiro que cá havia que fez. Eram de coiro. Depois forraram-mos igual ao vestido. O fato do meu marido já não me lembra. Mas parece que era azul-escuro.

Foi muita gente ao casamento, porque a minha família da parte do meu pai é grande e a do meu marido, da parte dele, também. Ainda era muita gente. A festa foi um jantar aqui em casa do meu sobrinho Alfredo. A casa era de uma tia minha e era pegada à do meu pai. Não estava assim como agora. A sala era maior e depois fizeram ali a boda. Foi bonito o dia do casamento.

"Os doces das bodas"

Para as bodas era cabrito assado com batatas, os coscoréis, o leite-creme, o arroz-doce, as tigeladas, essas coisas assim que faziam antigamente. A tigelada é um doce que há, que se faz nos tachos de barro, de ovos, leite e açúcar. Bate-se os ovos com o açúcar. Depois leva leite. Põe-se num tacho de barro e vai ao forno. Aqui usa-se muito, muito. Aqui e nos arredores daqui usa-se muito a tigelada. E há coscoréis que é aquelas filhós esticadas. É uma espécie de filhós.

É a farinha amassada com ovos. Leva um bocadinho de aguardente, pouco, e um bocadinho de açúcar. Depois deixa-se levedar e vai uma pessoa ou duas fazê-los. São esticados, dá umas coisas ainda assim grandes, e vão ao azeite quente. Ficam prontos a comer. Quem quer põe açúcar e canela. Quem não quer come-os só assim. Mas com açúcar são melhores um bocadinho. O arroz-doce é com leite e açúcar também. Coze-se o arroz. Depois vai-se pondo o leite, põe-se o açúcar quando o arroz está cozido e deixa-se apurar. É assim. Eram antigamente os doces das bodas.

Migração "*Queriam melhorar a vida*"

Depois de casada, foi assim a minha vida: fazer a vida de casa e por fora também. Tive três filhos. Criei os filhos e já estão casados. Um não casou. Está em Lisboa. Nasceram todos cá na aldeia, mas o mais novo tinha 2 anos e meio quando eu fui para África. Antigamente queriam melhorar a vida.



**Lucinda Oliveira, filhos Joaquim, Graciete
e Alfredo e marido César (Maputo)**

"Iludido com outros, foi para Lisboa"

O meu marido tinha uma oficina de ferreiro na Benfeita. Era do meu sogro. Faziam ancinhos, enxadas, aquelas ferramentas e coisas a arranjar e soldar. Mas depois a coisa não dava muito. Não era assim muito, porque havia mais ferreiros

noutros lados. Então, o meu marido, lá iludido com outros, foi para Lisboa. Depois mandou-me a mim. Foi antes de irmos para África, mas não me lembra quando foi. Quando eu fui, só tinha o Alfredo - era pequenino - e a minha filha, que é a mais velha. O meu Quim, o mais novo, não era nascido.

Ainda estivéramos um tempo em Lisboa, mas não foi muitos anos. Eu já tinha ido de solteira, mas a vida lá é diferente da aldeia, porque aqui a gente trabalhava, tratava de animais e tudo. E lá não. Tínhamos uma pensão. Ele e mais uns irmãos dele alugaram aquilo. O meu marido estava lá e tínhamos empregadas. Era só para dar comidas. Eu ajudava lá dentro e tomava conta dos filhos.

Mas aquilo depois não deu muito. Então, o meu marido mexeu-se para outro lado. Viéramos para a aldeia e depois ele daqui é que resolveu ir para Lourenço Marques.



Graciete Oliveira Simões, filha de Lucinda Oliveira (Moçambique)

"Havia muita gente daqui a ir para lá"

Quando o meu marido foi para África, tinha o meu filho mais novo 12 dias. Só daí a dois anos é que fui. Durante esse tempo, tive de me arranjar. Mas tinha o meu pai e a minha madrasta perto. Moravam aqui e, às vezes, deixava-lhes os pequenos para qualquer coisa. Era assim a vida. Tratava dos filhos, tinha animais e cultivava um bocadinho de batatas e de coisas no campo. Para falar com o meu marido, era cartas. Agora é que é o telefone, mas antigamente escrevia-se muito.

Depois ele resolveu, tratou das coisas para eu ir e eu fui lá ter com os filhos todos. Fui de barco para Moçambique. Não sei quantos dias foi, já não me lembra aquela altura, mas ainda demorou uma data de tempo. Fui de barco com três crianças e o mais novo tinha 2 anos e meio. Foi boa a viagem. O que é enjoava um bocadinho. Custou-me um bocadinho por causa disso. Mas ia para o convés do barco com os miúdos todos ao pé de mim. E lá fui assim. Iam uns senhores de Côja também e, nessa altura, havia muita gente daqui a ir para lá. Quando se via alguém conhecido, era uma alegria.

Recordações de Moçambique

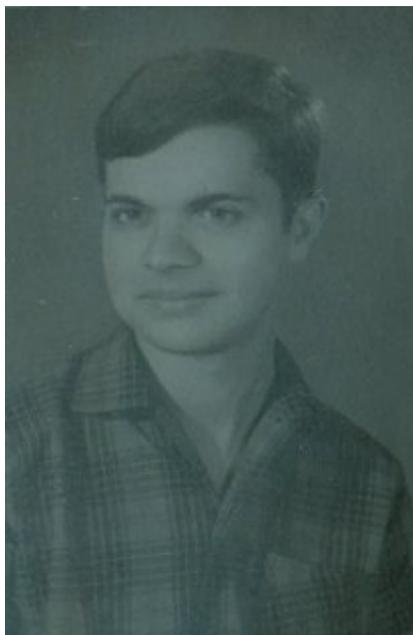
Cada um arranjava lá os seus empregos. Uns estabeleciam-se, mas o meu marido era funcionário do Estado. Estava a tomar conta de pretos nas plantações de chá e de café. Estivemos primeiro na Namaacha uns anos, que era pertinho de Lourenço Marques. Antigamente era Lourenço Marques. Agora não, é Maputo. Depois foi para Milange e estive numa plantação de chá em Vila Junqueiro. Mais tarde foi para Quelimane. Aí é que estivéramos mais tempo. É assim. Os capatazes das plantações eram transferidos de uns lados para os outros e o meu marido tomava conta de uma data de pretos e de indígenas. Ele e outros. Tinham uma lista e de manhã faziam o ponto para irem para o serviço. Chamavam por os que estavam a ver e lá iam. Ele tinha muito preto para tomar conta.

Eu era em casa sempre. Fazia a vida de casa. Lá a gente tinha de fazer tudo em casa, mas também tínhamos preto para ajudar. Havia indígenas também bons, bons criados e tudo. Havia outros que não eram. Era conforme. Ao princípio tive receio de ver aqueles pretos. Mas depois habituei-me bem. Era só rapazitos que andavam a trabalhar e, às vezes, lá iam-me fazer também o serviço. Alguns falavam português, porque andavam na escola. Outros falavam outras línguas. Mas a gente lá compreendia qualquer coisa. Dei-me sempre bem.

Tinha um criadito que me ajudava para ir buscar as coisas, fazer os recados e para qualquer coisa. Tive uma vez um que era André e tive outro que era

Sabão. Que nome! O nome deles. Sabão! Era assim. Tinha muitos nomes assim comparados com este. Se fosse preciso, também lavavam a loiça, lavavam o chão, lavavam a roupa, faziam tudo como uma mulher. Mas eu não, a roupa era sempre eu. Lá não havia também máquina naquela altura. Era nos tanques. E eu sempre gostei de andar com as mãos na água.

Três filhos davam-me bem que fazer para irem para a escola e assim. E, às vezes, as escolas eram um bocadito longe. Em Vila Junqueiro, tinham de ir de carro, mas ia lá um empregado da plantação levar os miúdos que não era só o meu marido que estava. Eram muitos. Era práticos agrícolas, era regentes agrícolas, era chefes de tudo. E tinham aqueles empregados que eram os encarregados do campo do pessoal.



**Joaquim do Rosário Oliveira Simões,
filho de Lucinda Oliveira (Moçambique)**

Tenho muitas recordações dos tempos de África. Muito mesmo. Às vezes, as pessoas até se admiram de eu ainda ter - agora já não - pessoas a escreverem-me desde essa altura. A gente vem para cá, uns vão para um lado, outros vão para

o outro. Mas tive sempre boas vizinhas. Era um convívio bom porque, quando se via alguém conhecido daqui, era uma alegria. Nas plantações, as casas eram assim todas perto. E, quando se fazia a vida, a gente queria descansar um bocado. Então, ajuntávamo-nos umas com as outras, as vizinhas, a costurar rendas e bordados. Ali em Lourenço Marques, tínhamos uma leiloeira. Sabiam que a gente estava ali e depois juntava-se muita gente conhecida na minha varanda. Era uma alegria quando se ali juntavam pessoas de cá. Era assim a vida.

Estive em África 25 anos. Fui com 25 e vim de lá com 50 anos. Voltámos porque aquilo depois já não estava muito bom. Havia chatices. Ainda me lembra aqueles barulhos. Ainda lá estava.

"Começou muita gente a vir embora"

Nós, em Lourenço Marques, tivéramos uma casa de leilões, ultimamente. O meu marido reformou-se e comprávamos mobílias novas e usadas que vendíamos. Mobílias e coisas miúdas. Mas depois começou a haver aqueles barulhos. Um dia, o meu marido teve que tapar aquilo tudo na varanda do leilão, tudo com um guarda-fatos, para não verem o que lá estava dentro. É que eles, os pretos andavam a assaltar as casas e a tirar as coisas.

Ainda eu lá estava, já aquilo estava mau. Depois viéramos embora. Os filhos também cresceram. O meu mais novo não casou, mas ainda casaram lá os dois mais velhos. A minha nora é de Viana do Castelo e nós daqui. Tão longe... E a minha filha casou com um rapaz ali perto da Guarda. Eram todos de longe. Mas ainda lá ficou o meu filho mais novo muito tempo sozinho a ver se passava a casa. A minha filha também já tinha vindo primeiro que nós. Ela tinha dois filhos e eram ainda pequenos. E o meu genro mandou logo a mulher para cá com os miúdos. Começou muita gente a vir embora e veio tudo assim naquela altura. Cada um veio para seu lado.

Agora já cá estou há muitos anos. Fiquei sempre aqui. Já não me lembra de muita coisa, mas aldeia estava um bocadinho diferente. Eu já cá tinha vindo. Vim cá duas vezes e já vim de avião. Uma vez foi com o meu marido. Outra vez vim primeiro. Ele não veio e eu vim cá estar um tempo. Estive cá não sei se foi dois ou três meses. Nessa altura, até os meus filhos ficaram lá com o pai. Depois é que fui outra vez. Lá era bom também. A gente é que tinha muitas saudades disto, que era de cá, que aqui foi criada. Mas eu escrevia muito também. Agora, ultimamente, é que se usa mais os telefonemas.

Aqui, começámos com a nossa vida. Eu já me reformei aqui. O meu marido é que já vinha reformado de lá. Tínhamos uns bocaditos de terra e semeávamos alguma coisa e assim. Só as qualidades, à moda de cá. Ele também

já não podia, que era diabético e depois, qualquer coisinha, ficava logo mal das pernas. Só que emeçasse num lado qualquer, já não podia.

Lugar *Objectos e gestos de outrora*

Agora está tudo melhor na aldeia. As casas, tudo. Tudo com casas de banho. Antigamente, não era em todas. Às vezes, era nos quintais a casita de banho.

Quando voltei de África, parece-me que já havia luz nas casas. Já não me lembra, mas julgo que sim. Mas não havia esta luz tão boa como agora. Era com os lampiões e candeeiros na rua. Tinham assim umas portas de vidro. Até eram bonitos, só que havia muito pouco. Na altura das festas, é que tinham aquelas luzes boas para os bailes.

Nessa altura, a gente aquecia-se nas lareiras. E havia escalfetas. Punha-se brasas lá dentro e a gente estava ali com os pés em cima. Também ainda tenho uma. É uma coisinha pequena assim com um arco. Tinha lá dentro uma coisa em folha e punha-se as brasas ali. Agora, também há escalfetas eléctricas. E havia braseiras. Tinha um estrado em madeira, que a gente punha as brasas e tínhamos ali os pés a aquecer.

É como os ferros de engomar. Eu ainda tenho aí velhos, de antigamente. Abria-se o ferro, punham-se umas brasas boas para dentro e passávamos com eles. Era assim que se passava. Dava um trabalhão a roupa. Agora é mais fácil.

Até para lavar é mais fácil. Mas eu gostava de lavar na ribeira como era antigamente. Ai, lavava-se tão bem! Na ribeira, havia aqueles lavadores. E depois a água sempre a correr limpinha. Vinham ali lavar muita gente e a roupa ficava muito bem, porque era tudo à mão. No Inverno era frio. Procurava-se um bocado que estivesse sol. Mas outras iam para o frio, coitadas. Agora não. Agora têm as máquinas, já pouco vão à ribeira. E em casa, havia uns cântaros de barro com uma asa com que a gente ia à fonte buscar água. De barro e de folha também. Quando às vezes havia muita gente em casa, ia-se umas poucas de vezes à fonte. Já havia aquela fonte na praça, perto da capela, já havia assim fontes por aí em vários lados.

O ciclo do pão na Benfeita

Ao pé da casa do meu avô, havia uma moenda. Aquele moinho era do meu avô antigamente. Foi arranjado agora há poucos anos. Antigamente não era assim. Por dentro era, mas por fora não estava assim. Depois foi vendida aquela casa a um casal que estava aí e agora é uma casa de habitar. Está o moinho em frente. Chamam-no Figueiral. O moinho era nosso até, mas a gente deixou fazer

aquilo. Era de todos. Tem lá ainda a mó e tudo de moer. Ele há até quem tenha a chave, que às vezes vai mostrar a pessoas que cá vêm.

Mas antigamente havia moinhos aquém e além. Havia até moleiros que tinham moinhos a moer farinha para fora, para as pessoas. A gente levava lá o milho, dava-se ao moleiro e ele tirava a maquia. Ele moía e dava-o moído, mas depois tirava uma parte para ganhar qualquer coisa.

Então, fazia-se a broa. É boa de fazer. Tenho até a gamela de madeira ainda. Ainda tenho tudo, essas coisas. A farinha vem do moleiro. Peneira-se, por uma peneira, para dentro da vasilha o que a gente quer fazer e depois aquece-se a água e faz-se o fermento. O fermento é do padeiro ou deixavam os migalhos da broa. Agora não, agora é o fermento do padeiro. Mas antigamente a gente limpava a gamela com a massa e guardavam esses migalhos para depois, para a outra vez. Amassava-se com água quente e era o fermento. Agora já ninguém guarda. Depois põe-se o fermento dentro da farinha, a água quente e amassa-se. Não leva mais nada a broa. Quando está lêveda, é que vai ao forno.

Depois era nos fornos. Não tinham todos. Antigamente havia aí um forno e uma senhora que era forneira. E a gente que queria cozer dizia:

- Ai, olhe, eu queria cozer tal dia.

Ela lá arranjava umas tantas e coziámos. Depois, quando casei, a minha sogra tinha forno e então cozia lá. Mas primeiro era assim. Mas havia muitos fornos. O meu pai tinha. Os meus primos também têm no quintal, mesmo ao pé de casa. Esse ainda coze muito. Quase todas as semanas. Mas já pouca gente coze a broa agora. Vêm aqui uns poucos de padeiros por dia.

"Qualquer coisa era com tio Zé Augusto"

Em Côja, houve sempre médico. Acho eu que havia. Eu lembra-me sempre em Côja. Depois ia-se lá ao médico ou, se era preciso, ele vinha aqui. Mas havia aí um jeitoso! Havia, pois. Havia dois. Um era o pai do Toino Mina, que anda num carrinho de rodas. Era o Zé Augusto. Esse homem sabia muito bem. Era assim muito jeitoso para qualquer coisa. Se tivessem uma coisa qualquer, se se ferissem ou um golpe que a gente tivesse, ele curava e assim era. E havia um que era barbeiro. Esse já pouco me lembra, mas era antigo também. Chamava-se Zé Maria. Com certeza começaram assim curiosos, não sei como aprenderam. Mas a gente, qualquer coisa era com tio Zé Augusto. O meu marido - também era muito doente, que era muito diabético - por qualquer coisa dizia:

- "Chama-me o tio Zé Augusto."

E ele cá vinha dar a injeção e qualquer coisa. O pai do Toino Mina era muito jeitoso. Tinham lá medicamentos para isso. Mas também tínhamos o chá.

Isso ainda hoje há. O chá que eu agora tomo é de lúcia-lima. E é caseira. É de uma árvore. Diz que é bom para o estômago. Eu faço muito aquele chá.

Também assim era para as senhoras terem os filhos. Era em casa e era uma curiosa, uma senhora que se ajeitava, que vinha. Ainda era da família. Era uma tia do meu marido. Era a filha Etelvina e a mãe Conceição. Eu já não me lembra como é que elas faziam, mas chamavam-nas e lá tratavam de tudo. Foi sempre a tia do meu marido que me ajudou com os meus filhos. Já era velhota, mas foi sempre.

"É a minha terra"

Nasci aqui na Benfeita e gosto de estar cá. Significa bom. Tenho cá família. Assim chegada, chegada só o meu sobrinho Alfredo. É a pessoa mais chegada que tenho cá. E tenho aí primos e sobrinhos em Lisboa que volta e meia vêm. Eu gosto de cá. É a minha terra.

Vem aí muita gente de Verão. Ai, às vezes é ranchos aí que eu sei lá. Vão visitar muito é lá para cima. Fazem aqueles passeios de xisto ou como é que dizem. Vão ver isto aqui para a serra. Eu não sei o quê. Nunca fui. Eu acho que é só mato. Só vejo mato e caminhos por um lado e por outro. Mas de Verão é muito bonito. Não com o frio. Mas no Verão há sempre muita gente aqui.

Está aqui também uma torre e até chamam o Sino da Paz. Eu não sei explicar bem, mas dizem que deu as badaladas o dia que acabou a guerra. A guerra que houve aqui há anos. Por isso é que chamam o Sino da Paz, porque dá as badaladas todos os anos no dia que acabou a guerra. Não me lembra em que altura é, mas todos os anos dá as badaladas todas, 1620. O meu sobrinho, o Alfredo, esse é que deve saber bem, que anda sempre nestas coisas. E esses é que sabem. Eu não sei explicar bem, já estou muito esquecida. Mas dá as badaladas todas, muitas. A gente ouve. Lá está a tocar, a dar as badaladas.

Chamam a terra da Benfeita. Não sei por que foi que puseram o nome. Aqui fora da terra é que dizem "Balseiros" da Benfeita. Não sei o que é que quer dizer. Porque os balseiros eram uns potes do vinho. Mas eu lembra-me sempre ouvir dizer que chamavam os da Benfeita os "Balseiros", os de Côja os "Bezerras", era assim.

Costumes A Benfeita em festa

Todos os anos se faziam festas. Havia a festa do Santíssimo, que há procissão e tudo. E havia a festa de Agosto. Há essas festas sempre.

"Quando era nova, não parava"

A festa de Junho é muito bonita, a do Santíssimo. É uma procissão muito grande que passa aqui. É muito bonita. Vai a Irmandade e vão as pessoas todas da igreja. A Irmandade é aqueles que pertencem à Irmandade. Vestem uma bata branca e depois um cabeção encarnado. Nos Pardieiros é verde e aqui é encarnado. Agora até é mais senhoras que homens da Irmandade. Quando há os funerais, vai também ao cemitério acompanhar. E quando é das festas, também. Aqui é assim.

A festa de Agosto é da Nossa Senhora da Assunção. É a mesma coisa. Há procissão também no dia 15 de Agosto. Vão as ofertas e depois leiloam no Areal. São tabuleiros grandes com coisas dentro, comida: bolos, ananás, melão, muitas coisas. Leiloavam no Areal e depois compravam. O dinheiro era para a Igreja. Já faziam quando eu era criança. O que é agora tem-se envolvido tudo mais. Já têm leiloado lá ao pé da igreja alguns anos e tudo gosta daquelas festas.

Fazia-se bailes sempre. Vinha a música, aquelas músicas que vinham de Côja ou do Barril ou de vários lados. Quando é por as festas é assim aqueles concertos grandes. Vêm sempre acompanhar a procissão e estão na igreja também. Às vezes ficam para os bailes, outras vezes vão-se embora. É conforme combinam. Às vezes, se não há música, é aqueles acordeões. No Areal, é que era o largo das festas todas. Um ano fizeram um rancho e fizeram a festa encostada ao meu quintal. Onde estava o rancho a dançar até fizeram uma coisa em madeira. Mas agora mudaram para o lado de lá e fizeram um lugar para os carros.

Quando era nova, eu não parava. Gostava dos bailes. Era dançar raparigas com rapazes e, outras vezes, as raparigas só. E às vezes arranjavam-se namoros. Então, ainda apareciam as mães, ou as avós ou as irmãs que acompanhavam. Mas era tudo família quase. Ai, antigamente era bonito.

Até havia o Rancho dos Manjericos. O senhor que tratava disso já morreu há anos, coitadito. Era o Adelino Fonseca. Parece-me que foi ele o que fez o Rancho primeiro. Ele andava ali também na Liga de Melhoramentos e fez cá muita falta, que ele gostava muito daquilo. Eu também ainda pertenci lá um tempo. Era novita ainda. Foi antes de casar. De casada não. Às vezes, íamos às terras dançar. E havia fardas, ia tudo fardado. Era saias pretas com tiras verdes. Houve mais ranchos, mas do meu tempo era assim. Agora já não fazem como era antigamente.

A matança do porco

Antigamente cozia-se a comida para os porcos. Cozia-se a abóbora, cozia-se couves, farinha de milho, coisas do campo, tudo. Aqueles panelões grandes é que se punha depois na comida dos porcos. Depois, em Janeiro, nessas alturas com o frio, matavam-nos, porque era bom para os enchidos. Era mais ao fim-de-semana. Tinham mais vagar para estar a matar, porque cada um que matava fazia lá o seu almoço para as pessoas amigas, para a família. Era bonito.

No dia da matança, matavam os porcos nas quintãs. Havia umas quintãs assim de estrume, de mato. Depois matavam o porco nuns bancos grandes, uns bancos em madeira compridos para o pôr em cima, para depois o limparem e queimarem os pelos nele. Havia aí pessoas, amigos uns dos outros, que sabiam e iam matar. Uns a segurar, outros para o matar com uma faca. Agora é os do talho que os matam.

Depois ia-se aparar o sangue para cozer. Outro era para as chouriças, aquelas morcelas escuras. Aproveitava-se assim o sangue. Então, limpavam-no e dependuravam-no. Ficava a escorrer. Depois era desmanchado para fazer os enchidos e fazerem o que quisessem dele.

Fazia-se umas poucas de qualidades de chouriças. Fazia-se as de carne, as de sangue, o bucho, que leva arroz, e umas brancas - até chamam polme. Chamam polme aqui, mas são farinheiras. As de sangue leva mais as gorduras. Aproveita-se tudo. Havia umas gamelas antigamente e depois punha-se ali a carne. Punha-se o sangue, o azeite e vários temperos: sal, alho, bastante alho, pimenta, cravinho, umas poucas de coisas. As de carne é só assim: miga-se a carne e, então, leva bastante alho, leva azeite e leva colorau. E há quem ponha um bocadinho de vinho. Põe-se-lhe vinho e fica aquele tempero lá de um dia para o outro ou dois dias. Fica o tempero fresco. Também aproveitavam o resto da carne e faziam as tais farinheiras de polme. A gente migava-as miudinhas com as gorduras e tudo e depois punha-se-lhe água a ferver para cima delas e os temperos. Então, punha-se farinha, ia-se mexendo, mexendo, mexendo e aquilo ficava bonito. Depois é que se enchia assim um bocadinho líquida. Às farinheiras brancas, aquelas amarelas, a gente chama-as de polme. Era tão bom aquelas chouriças! Era muito bom para comer com grelos de nabos. Até há duas qualidades. Há umas farinheiras escuras

de farinha. Levam a água quente nas gorduras, os temperos todos e depois leva um bocado de farinha de trigo. Depois levam um bocado de sangue para ficarem pretas. Era como se fazia antigamente e agora também ainda fazem assim.

No fim de dois dias, é que se enchem naquelas tripas que há. A gente cortava o tamanho que queria da chouriça e depois amarrava-se-lhe um fio. Depois punha-se aquilo tudo no fumeiro. Umás era a encalar. As de bucho de arroz vão a encalar. E as outras vão para o fumeiro. Ia-se vendo. Quando estivessem rijinhas, tiravam-se. As de carne demoravam talvez aí perto de oito dias a secar, que também não está sempre a lareira acesa. Tiravam-se do fumeiro já sequinhas. Era para comer. Mas guardavam-se algumas em azeite. Em azeite, conservam-se muito tempo e iam-se comendo. Aquilo, às vezes, durava um ano no azeite. Sempre boas. Agora muita gente já põe é na arca. A minha filha, na Guarda, usa muito os enchidos. Agora, o marido é diabético, não usa tanto. Mas ela diz que não põe em azeite. Põem-nas na arca e vai comendo de lá. Congela tudo. E aqui também algumas pessoas fazem assim. Eu agora já não faço, mas primeiro fazia e gostava sempre de as pôr em azeite. Ficam sempre mais tenrinhas. Na arca fica aquilo rijo depois.

Fazia-se também postas de lombo para pôr numa panela já feitas, cobertinhas com azeite e com o molho que se fazia e guardava-se também assim. Os presuntos, esses iam para uma arca cobertos de sal - chamavam a tina - e eram salgados. Depois tiravam-se, limpavam-nos bem e punham-se um bocadinho ao fumo para durar. Era um tempito.

Quando matavam um porco, quase toda a gente, era para casa. Mas havia quem vendesse. Eu agora já nem uso muito essas coisas, porque não posso comê-las. Também, se calhar, já não se criam porcos aqui. Ainda há quem tenha, mas pouco.

"Chamavam a espiga de abraço"

No tempo da vindima, tudo fazia as suas vindimas. E, quando apanhavam o milho, faziam a desfolhada também. Era de dia e, às vezes, à noite. Havia uns pauzitos para malhar o milho e depois as pessoas iam ajudar uns aos outros a debulhar. Debulhava-se o milho à mão. Agora não é assim, já é tudo por máquinas. Depois juntavam-se pessoas a ajudar a descascar o milho. Ai, era uma paródia. Às vezes até cantavam a debulhar o milho. Quando aparecia uma espiga de abraço, até diziam:

- "Olha, àquela calhou-lhe uma espiga de abraço!"

Era aquelas encarnadas. Chamavam a espiga de abraço. Depois davam um abraço à que calhasse a espiga encarnada. Se quisesse. Outras vezes não,

não davam. Mas era bonito até. Agora não. Agora é as máquinas. Vêm, é num instante.

O Dia dos Compadres

Havia o Dia dos Compadres. É as quintas-feiras por o Carnaval. Ai, esse dia era bonito. Faziam-se uns papelinhos com nomes de rapazes e raparigas e punham-se num saco. Era alguns que tratavam disso. Era um saco de rapazes, um saco de raparigas. Faziam os papelinhos e viam a quem calhavam. Depois, havia uma certa hora do baile que iam para cima dum banco nomear os nomes:

- "Fulana de tal com fulano de tal."
- "Olha, aquele calhou com fulana."
- "Aquele calhou com sicrana."

E eram assim os compadres que tiravam os papéis. Depois havia o baile e lançavam os pares que calhavam compadres. Antigamente era muito bonito. Ainda o ano passado, na brincadeira, fizéramos ali no Centro o Dia dos Compadres naquela quinta-feira antes do Carnaval.

Um magusto no Dia de Todos-os-Santos

No Dia de Todos-os-Santos ia-se ao cemitério, enfeitar o cemitério. E então fazia-se magustos de castanhas. Era lá em cima na Senhora das Necessidades. Juntavam muita gente e assavam as castanhas na caruma dos pinheiros. Arranjavam as castanhas para o magusto. Ah, muita gente tem castanheiros. Outros compravam. É conforme. Ainda fazem às vezes, mas já pouco. Mas antigamente fazia-se os magustos em casa também. Juntavam-se assim umas tantas pessoas e faziam o magusto do Dia de Todos-os-Santos. Era bonito.

"Ouvir falar em queimar o gato"

Eu lembra-me que punham aqui num mastro ou não sei o que era aquilo, uma coisa alta. Lembra-me ainda ouvir falar em queimar o gato, mas eu nunca vi. Era eu pequena. Havia qualquer coisa disso, havia. Mas já me lembra pouco. Não me lembra assim de muitas coisas. Às vezes contavam histórias mas eu, para histórias, não sou muito de ficar na cabeça. Já há tantos anos e depois eu também estou muito esquecida.

Quotidiano "*Gosto de estar aqui no sossego*"



Lucinda de Oliveira (de preto) na celebração das bodas de ouro do primo José Bernardo Quaresma (Benfeita)

No meu dia-a-dia, vou fazendo a minha vidita de casa. Tenho uma mulher do Centro uma hora por semana. E, quando é preciso à casa toda, vai uma outra mulher. Vou almoçar ao Centro e lanchar. Vou três dias por semana, ou quatro. É assim. Vou fazendo cá a minha vida agora sozinha. Fui estar em Lisboa a passar o Natal com os filhos. Estive lá um mês. E agora estou aqui uns dias. Eles fizeram barulho, queriam que eu ficasse. Mas eu também já estou habituada a estar sozinha. Estou bem. Gosto mais de estar aqui no sossego. Ai, eu em Lisboa atrapalho-me muito na rua e tudo com o barulho. Já não posso muito com o barulho. Depois, volta e meia, vou aos filhos. Eles também vêm cá muito agora de Verão. E é assim a vida.



Alfredo Oliveira Simões, filho de Lucinda Oliveira

Avaliação "*Para seguir tudo melhor*"

Acho bem recolherem estas histórias de antigamente. Ao menos isto é para seguir tudo melhor. Eu acho que sim, que os mais novos devem gostar de saber, pelo menos alguns, não é? Às vezes eu digo qualquer coisa aos filhos e aos netos também, porque não foram criados aqui. Já vieram de África casados alguns. Agora vêm cá e eu, às vezes, conto-lhe qualquer coisa de antigamente: de como era a vida, e a festa, e isto e aquilo.